

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MEDIAÇÃO COMUNICACIONAL:
OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

**PEDAGOGICAL MEDIATION AND COMMUNICATION MEDIATION:
THE CHALLENGES FOR TEACHING EDUCATION**

**MEDIACIÓN PEDAGÓGICA Y MEDIACIÓN DE LA COMUNICACIÓN:
LOS DESAFÍOS PARA LA ENSEÑANZA DE LA EDUCACIÓN**

Recebido em: 31/05/2021

Aceito em: 10/12/2022

Jullena Santos de Alencar Normando¹ 

Resumo: Percebe-se que o cenário atual acelerou mudanças e desencadeou alterações significativas em quase todas as áreas e em muitos saberes. Vivemos a maior crise sanitária da nossa geração, somada às crises políticas, econômicas e sociais que aprofundam ainda mais as desigualdades e as diferenças no Brasil. A proposta desta discussão é iniciar algum tipo de compreensão sobre a questão da formação docente nesse ambiente digital. Reter a atenção e se fazer entender por meio de recursos audiovisuais requer domínio de linguagens e de técnicas que são específicas de áreas como a Comunicação. Estar em ambiente digital amplia o leque de habilidades e expertises requeridas para ensinar. Um professor passará a ser um produtor de conteúdo? Incontáveis discussões são possíveis e necessárias com relação à esta problemática. A proposta do artigo é lançar um olhar sobre as diferentes mediações experimentadas diante da realidade dos dois últimos anos e como tais mudanças poderão vir a impactar ações e políticas futuras. A metodologia utilizada para tal é a revisão bibliográfica a fim de tensionar conceitos relacionados à mediação pedagógica e a mediação comunicacional, às habilidades e competências dos docentes diante de tantas reconfigurações da sociedade e do mercado.

Palavras-chave: Mediação pedagógica, mediação comunicacional, Comunicação, Educação e formação docente.

Abstract: It can be seen that the current scenario has accelerated changes and triggered significant changes in almost all areas and in many areas of knowledge. We are experiencing the biggest health crisis of our generation, added to the political, economic and social crises that deepen inequalities and differences in Brazil even more. The purpose of this discussion is to initiate some kind of understanding about the issue of teacher education in this digital environment. Retaining attention and making yourself understood through audiovisual resources requires mastery of languages and techniques that are specific to areas such as Communication. Being in a digital environment expands the range of skills and expertise required to teach. Will a teacher become a content producer? Countless discussions are possible and necessary in relation to this problem. The purpose of the article is to take a look at the different mediations experienced in the face of the reality of the last two years and how such changes may impact future actions and policies. The methodology used for this is the bibliographic review in order to stress concepts related to pedagogical mediation and communicational mediation, to the skills and competences of teachers in the face of so many reconfigurations of society and the market.

Keyword: Pedagogical mediation, communicational mediation, Communication, Education and teacher training.

Resumen: Se puede apreciar que el escenario actual ha acelerado cambios y desencadenado cambios significativos en casi todas las áreas y en muchas áreas del conocimiento. Vivimos la mayor crisis sanitaria de nuestra generación, sumada a las crisis políticas, económicas y sociales que profundizan aún más las desigualdades y diferencias en Brasil. El propósito de esta discusión es iniciar algún tipo de comprensión sobre el tema de la formación docente

¹ Publicitária, doutoranda em Comunicação no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UFG). Coordenadora dos cursos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas do Centro Universitário Sul Americana - UNIFASAM (desde 2011) e docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: junormando@gmail.com

en este entorno digital. Retener la atención y hacerse entender a través de recursos audiovisuales requiere el dominio de lenguajes y técnicas propias de áreas como la Comunicación. Estar en un entorno digital amplía la gama de habilidades y conocimientos necesarios para enseñar. ¿Se convertirá un docente en un productor de contenidos? Innumerables discusiones son posibles y necesarias en relación con este problema. El propósito del artículo es dar una mirada a las diferentes mediaciones vividas frente a la realidad de los últimos dos años y cómo tales cambios pueden impactar en acciones y políticas futuras. La metodología utilizada para ello es la revisión bibliográfica con el fin de subrayar conceptos relacionados con la mediación pedagógica y la mediación comunicacional, con las habilidades y competencias de los docentes frente a tantas reconfiguraciones de la sociedad y del mercado.

Palabras clave: Mediación pedagógica, mediación comunicacional, Comunicación, Educación y formación del profesorado.

INTRODUÇÃO

Em um momento em que as redes digitais e as mídias sociais estão ocupando a centralidade das discussões no campo da Comunicação, a impossibilidade de presencialidade nas escolas e faculdades - devido às medidas de prevenção não-farmacológicas necessárias dada a Pandemia Covid-19 - aproximou a área da Educação para tais temáticas típicas do campo da Comunicação Social. O único caminho possível para o ensino, diante de escolas fechadas, foi o da educação mediada pela Internet. Professores e alunos precisaram, durante os anos de 2020 e 2021, aprender rapidamente como usar as ferramentas e agir num processo em que a aprendizagem passou a ser duplamente mediada: pelo professor e pelos aparatos tecnológicos (plataformas, ambientes virtuais de aprendizagem etc.).

A proposta desta discussão é iniciar algum tipo de compreensão sobre a questão da formação docente nesse ambiente digital marcadamente comunicacional. Reter a atenção e se fazer entender por meio de recursos audiovisuais requer domínio de linguagens e de técnicas que são especificamente comunicacionais. Estar em ambiente digital amplia o leque de habilidades e expertises requeridas para ensinar, como foi percebido na prática por muitos dos professores que se viram diante desse desafio.

Docentes passarão a ser produtores de conteúdo? Incontáveis discussões são possíveis e necessárias com relação à esta problemática². A proposta do artigo é lançar um olhar sobre as diferentes mediações experimentadas diante da realidade dos dois últimos anos e como tais mudanças poderão vir a impactar ações e políticas futuras. A metodologia utilizada para tal é a revisão bibliográfica a fim de tensionar conceitos relacionados à mediação pedagógica e a

² Outros questionamentos estão sendo investigados no nível de doutoramento no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

mediação comunicacional, às habilidades e competências dos docentes e ao espaço das Universidades e das Faculdades diante de tantas reconfigurações da sociedade e do mercado.

AS ACELERAÇÕES RECENTES

Os últimos dois anos, período em que vivenciamos a maior crise sanitária da nossa geração, foram marcados por lutos, medos, mudanças e incertezas diante das desastrosas políticas públicas adotadas no Brasil para o enfrentamento da Pandemia Covid-19. Reféns de um governo que optou deliberadamente por negar a gravidade da situação³, por recusar a compra antecipada da vacina⁴ e por negligenciar não só a área da Saúde como a da Educação, professores e alunos se viram obrigados a enfrentar os desafios que se apresentaram com as (escassas) ferramentas que tinham. Diante de cortes de verbas⁵ e da crise sem precedentes que se instaurou no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁶, a área da Educação vivenciou talvez a pior crise do período democrático brasileiro.

Utilizando-se dos poucos recursos disponíveis e sem que houvesse formação para atuação em plataformas de comunicação on-line, professores e alunos desenvolveram dinâmicas e metodologias para tornar possível algum tipo de ensino e aprendizagem nesses dois anos de fechamento das escolas, posterior abertura parcial e revezamento entre grupos de alunos na modalidade presencial.

³ O negacionismo do presidente Jair Bolsonaro em relação à Covid-19 atrasou o combate da doença, dificultou a compra de vacinas e fomentou a guerra de narrativas que polarizaram a política e não contribuíram para o retorno à normalidade, como apresentam Adriana Ferraz e Marcelo Godoy na matéria **“Um governo na contramão do mundo”** publicada no jornal O Estadão publicada em 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/politica,bolsonaro-esta-na-contramao-do-mundo-no-combate-a-covid-19,1154756>. Acesso em 30/03/2022.

⁴ Como relata a jornalista Daniela Fernandes, da BBC News Brasil, em matéria intitulada **“Bolsonaro é provavelmente o primeiro líder político da história a desencorajar vacinação, diz especialista francês”** publicada em 05 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55939354>. Acesso em 30/03/2022.

⁵ O abandono da área da Educação pareceu ser umas das iniciativas mais assertivas do governo federal, como apresenta Larissa Bohrer na matéria **“Corte de recursos para a educação é frequente no atual governo. Medidas provocam impactos negativos em todos os níveis de ensino e também na pesquisa científica”**. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2021/05/abandono-da-educacao-faz-parte-dos-planos-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 30/03/2022.

⁶ Às vésperas do Enem, servidores de carreira do órgão afirmaram que instituto vivia 'crise sem precedentes, com perseguição aos servidores, assédio moral, uso político-ideológico da instituição pelo MEC e falta de comando técnico', como relataram Delis Ortiz e Pedro Alves, na matéria **“Crise no Inep: servidores reúnem e entregam denúncias de assédio e interferência ao TCU e à CGU”** Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/11/19/crise-no-inep-servidores-reunem-denuncias-de-assedio-e-intervencao-e-entregam-ao-tcu-e-cgu.ghtml>. Acesso em 30/03/2022.

De acordo com a Agência Brasil, em publicação de agosto de 2021⁷, um levantamento feito pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), apontou que nove estados e o Distrito Federal sinalizaram a volta ao ensino presencial ao menos para uma parcela dos estudantes neste segundo semestre daquele ano, a saber: Acre, Alagoas, Ceará, Sergipe, Goiás, Piauí, Roraima, Tocantins e Mato Grosso do Sul. Outros, como Amazonas, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, já retomaram, em 2021, alguma atividade presencial.

Diante do aumento da cobertura vacinal⁸, o ano de 2022 seguiu com maior adesão ao retorno presencial, mas nem por isso, com menos preocupações e questionamentos acerca de todo o processo e as mudanças advindas dos últimos dois anos nas vivências em sala de aula (presencial ou virtual).

HABILIDADES REQUERIDAS PARA ATUAR ON-LINE

Toda essa mudança aconteceu em uma época em que a chamada Revolução Mobile mudou a relação entre aquilo que acontece *on* e *off-line*. Desde 2010 temos cada vez mais acesso à Internet e os telefones celulares funcionam mais como uma porta para um mundo de entretenimento e comunicações do que exatamente aparelhos de telefonia móvel. As lógicas das redes sociais alteraram as dinâmicas das comunicações, algumas temporalidades e expectativas da geração conhecida como nativos digitais. Isso tudo aconteceu muito rápido e, num primeiro momento, não parecia impactar diretamente as questões relativas à Educação.

Evidentemente, já se estudavam as metodologias ativas, o ensino a distância, as possibilidades de interações favorecidas pelo ensino on-line. Já se refletia sobre o tecnicismo, a formação de professores e tutores, as necessidades de adaptações e planejamento para a atuação além da sala de aula física. Acontece que a Pandemia acelerou tudo isso e atropelou muitas das discussões em curso. Foi urgente e necessário sair de sala de aula uma vez que decretos e portarias governamentais⁹ suspenderam as aulas presenciais e, de repente, transferiram para ambientes virtuais de aprendizagem a possibilidade de continuidade das aulas.

⁷ Mais detalhes estão divulgados na matéria de Mariana Tokarnia disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2021-08/covid-19-escolas-reiniciam-ensino-presencial-em-nove-estados>. Acesso em 30/03/2022.

⁸ Dados referentes à cobertura vacinal em cada estado brasileiro estão disponíveis em http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?bd_pni/cpnibr.def.

⁹ Relacionam-se com esta discussão: a portaria 188 do Ministério da Saúde, de 03 de fevereiro de 2020 que Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo

O ambiente digital tornou-se, de uma hora para a outra, o único lugar possível (estabelecido “por decreto”) para as aulas no país. Vale ressaltar que cada instituição encarou a realidade posta da maneira que achou adequada ou de acordo com os recursos disponíveis. Tal situação implicou em diferenças exorbitantes de estratégias, ambientes e concepções de educação. Foi, sem dúvidas, um momento de tensões de várias naturezas.

Algumas percepções se alteraram quando, de repente, as aulas passaram a acontecer via aplicativos de mensagens, por exemplos. Como conduzir estudantes à aprendizagem nessas plataformas que não foram desenvolvidas para o ensino curricular? Pelo contrário, as plataformas de comunicação digital pertencem a grandes conglomerados privados, quase todos norte-americanos, com interesses comerciais claros. Google Meets, Youtube, Zoom, Discord, Whatsapp e tantas plataformas passaram a ser as alternativas possíveis daquele momento.

Num cenário em que toda a materialidade comum à prática docente (a sala de aula, a presença física e a forma de atuar de quem ensina) se altera, quais são as novas habilidades profissionais são exigidas e acrescentadas a esses docentes?

Soma-se a esse questionamento: quais as concepções acerca da Comunicação estavam em cena? Aprenderíamos a nos comunicar nesses ambientes antes de se tentar ensinar ali? Teríamos esse tempo para aprender competências e habilidades técnicas para tanto? A realidade parece ter nos conduzido para a negativa dessas perguntas.

Os ambientes virtuais de aprendizagem exigiram adaptações e aprendizagens muito rápidas, tanto para professores como para estudantes. Se, antes, entendíamos que o processo de ensino-aprendizagem passava pelo papel de um professor, ou seja, era mediada por ele, agora o processo de ensinar e aprender passou obrigatoriamente pela mediação de plataformas digitais, o que requereu estruturas, conhecimentos técnicos e domínio de linguagens incomuns para uma grande parte dos professores. Outro ponto importante foi a diferença entre os ambientes adotados. Houve casos de aulas que aconteciam via grupos de mensagens instantâneas, outros em salas de reunião remotas, outras em plataformas que não permitia interação simultânea.

Coronavírus (2019-nCoV); o decreto 9633 da Secretaria Estadual da Casa Civil, de 13 de março de 2020, que decreta situação de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus (2019-nCoV), a Nota Técnica 1 da Secretaria Estadual de Saúde, de 15 de março de 2020 que paralisa as aulas por quinze dias e a portaria 343 do Ministério da Educação, de 17/03/2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais e outras subseqüentes que foram prorrogando os prazos de tais definições.

Especificamente no Ensino Superior, há relatos de turmas que tiveram suas aulas em ambientes diferentes para cada disciplina, a critério de cada professor, o que na prática resultou em estudantes que tiveram aulas em até cinco plataformas diferentes durante a semana. Assim, estudantes precisaram se localizar e aprender a utilizar recursos de quase todas as plataformas disponíveis e lidar com as diferenças de funcionalidades de cada uma.

Em suas discussões acerca da mediação da tecnologia a aprendizagem, Moran - ainda no início do século XX - pontuava sobre o papel do professor num novo contexto mediado pela tecnologia. Para ele “o professor, com o acesso a tecnologias telemáticas, pode se tornar um orientador/gestor setorial do processo de aprendizagem, integrando de forma equilibrada a orientação intelectual, a emocional e a gerencial” (2000, p. 30). Já se percebia, portanto, uma necessária e requerida ampliação das habilidades docente diante dos novos desafios do processo de ensino e aprendizagem diante dessa dupla mediação para além dos conhecimentos teóricos e técnicos: o âmbito emocional e gerencial.

Em um momento em que vivenciávamos uma ameaça biológica por um vírus mortal ainda pouco conhecido e cuja vacina ainda não era acessível (o ano era 2020), as questões emocionais certamente tiveram destaque nos conflitos de todos nós. Não bastasse o problema sanitário, o agravamento da crise econômica impactou incontáveis famílias, o que também sensibiliza e interfere nas condições e motivações para os estudos e aprendizagem.

Seguindo seu raciocínio, Moran completava: “o professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador” (MORAN, 2000, p.30). Esta orientação/mediação passaria por quatro instâncias em que o professor precisaria atuar: a) intelectual, b) emocional, c) gerencial e comunicacional e d) ética. Em seus termos:

Orientador/mediador emocional- Motiva, incentiva, estimula, organiza os limites, com equilíbrio, credibilidade, autenticidade, empatia. *Orientador/mediador gerencial e comunicacional* - Organiza grupos, atividades de pesquisa, ritmos, interações. Organiza o processo de avaliação. É a ponte principal entre a instituição, os alunos e os demais grupos envolvidos (a comunidade). Organiza o equilíbrio entre o planejamento e a criatividade. O professor atua como orientador comunicacional e tecnológico; ajuda a desenvolver todas as formas de expressão, de interação, de sinergia, de troca de linguagens, conteúdos e tecnologias (MORAN, 2000, p.31. *grifo do autor*)

Portanto, atuar no processo de ensino-aprendizagem num ambiente mediado pela Internet implicaria e habilidades e competências muito além daquelas típicas da prática docente da sala-de-aula presencial. “Novas” tecnologias se apresentam com característica de instrumentos/aparatos, e, como tais, exigem eficiência e adequação aos objetivos aos quais se destinam (neste caso, de ensino e aprendizagem). O ensinar e aprender, antes mediado majoritariamente pelo docente, passa a ser mediado também por um aparato técnico sobre o qual, na maioria das vezes, os professores não tinham intimidade prática e, conseqüentemente, não dominavam.

Tornar-se professor é uma ação complexa em que vários saberes e práticas precisam ser aprendidos e atualizados constantemente. As reflexões acerca do uso das tecnologias da comunicação e informação na Educação ocupam os pesquisadores e com o passar do tempo mudaram-se as concepções e terminologias e atualizaram-se as discussões acerca das relações, do trabalho e da educação mediada. Ainda nos anos 2000, Moran, Masetto e Behrens se preocuparam em discutir sobre as tecnologias e a mediação pedagógica. Naquela época já se percebia:

Sem dúvida, a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos. Começa a haver um investimento significativo em tecnologias telemáticas de alta velocidade para conectar alunos e professores no ensino presencial e a distância. Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para mudar a educação. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000, p.8).

Já era sabido que ensinar não é um processo que depende exclusivamente de tecnologia. Tecnologias, por si só, não resolvem questões éticas, teóricas ou práticas. Vimos, nos últimos tempos, que se por um lado os avanços tecnológicos viabilizaram o ensino remoto e a transição das Instituições do ensino presencial para as aulas on-line, por outro impeliu professores e alunos para ambientes pouco conhecidos e que exigiram conhecimentos técnicos e operacionais quase inéditos tanto para professores como para os estudantes.

A composição visual da cena, a iluminação, os enquadramentos, as cores, a qualidade do som e dos recursos audiovisuais passavam a ser elementos técnicos importantes para a transmissão das mensagens, a comunicação e o ensino mediado nessas novas sala de aula. Além de planejar o conteúdo e a metodologia, entrava em cena um conjunto de preocupações técnicas

(típicas da comunicação) que antes não existiam nas rotinas dos professores. Tratava-se, em alguma medida, de uma produção audiovisual além de uma aula.

Voltemos aos anos 2000, quando a Internet era chamada de “a última grande mídia” e, mesmo em estágio inicial, parecia promissora para a área da Educação. O autor se preocupava em destacar, entre várias propostas metodológicas que integrassem computadores e internet, a necessidade de:

Estabelecer, desde o início, uma relação empática com os alunos, procurando conhecê-los, fazendo um mapeamento dos seus interesses, formação e perspectivas futuras. A preocupação com os alunos - a forma de nos relacionarmos com eles - é imprescindível para o sucesso pedagógico (MORAN, 2000, p. 45).

Percebe-se que a lógica do ensino presencial e os princípios norteadores do processo de aprender e de ensinar também eram previstos como necessários para que a aprendizagem em outros ambientes também acontecesse. E, de fato, foi possível notar por meio de relatos de docentes e discentes, bem como pelos estudos em diversas áreas, como a preocupação com o outro e a empatia foram determinantes para a condução das aulas em sistema remoto durante o ano de 2020.

O impacto do ambiente virtual de aprendizagem, mesmo que ainda não descrito com esses termos à época dos estudos de Moran, previa mudanças no papel do professor para além da relação de espaço, de tempo e de comunicação com os estudantes: o papel do professor se reconfiguraria neste novo cenário, uma vez que:

Combina alguns momentos do professor convencional - às vezes é importante dar uma bela aula expositiva - com mais momentos do gerente de pesquisa, do estimulador de busca, do coordenador dos resultados. É um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante, que exige muita atenção, sensibilidade, intuição (radar ligado) e domínio tecnológico (MORAN, 2000, p.50).

Além dos saberes específicos da área e dos conhecimentos acerca do processo ensino-aprendizagem, os docentes precisaram aprender (na prática e urgentemente) sobre manejo de equipamentos, uso de tecnologias e tantos outros conhecimentos para viabilizar sua prática pedagógica. Qual tipo de ampliação seria necessária para a atuação docente e, conseqüentemente para o ensinar e aprender, em ambiente digital? Estamos diante da necessidade de aproximação entre os conhecimentos específicos da Comunicação com os da Educação, diante desta “dupla mediação”?

A COMUNICAÇÃO PARA ALÉM DA MEDIAÇÃO

Ensinar requer adequação de linguagens para que a comunicação e, por consequência, a aprendizagem aconteça. Portanto, quando da fase de planejamento das disciplinas e dos cursos é natural que haja uma preocupação com relação para quem aquela disciplina (ou conteúdo) se destina. Conhecer quem será estudante daquela turma é uma das etapas da mediação pedagógica, uma vez que a compreensão de suas realidades sociais, familiares e profissionais permite adequar os conteúdos, as leituras exigidas e o processo de avaliação de maneira mais proveitosa para que a aprendizagem aconteça.

Em se tratando de estudantes nascidos entre 1996 e 2010, os chamados Centennials – ou Geração Z – estudos geracionais (PRUETT, 2018; SIQUEIRA, 2017) indicam que haja certas peculiaridades no processo de aprendizagem deste grupo. Tais estudantes, que nasceram após a popularização da Internet, consomem informação principalmente via smartphones e têm preferência por conteúdos em vídeo (curtos), fotos e jogos, afinal, não percebem distinção entre o que é a vida on e off-line.

De acordo com Siqueira (2017), a aprendizagem se dá de múltiplas maneiras, são multifocais e convergem em diferentes plataformas, por isso, preferem conteúdos visuais a escritos. Além disso, destaca do autor, possuem raciocínio não-linear e são, em seus termos, autodidatas na medida em que por serem mais independentes, buscam por si mesmos informações que não conhecem na internet – geralmente em plataformas como Youtube e, mais recentemente TikTok (GOULART, 2020).

O que vimos, em alguma medida, foi a migração das salas de aula presenciais para ambientes virtuais de aprendizagem em que os estudantes muitas vezes se sentiam mais à vontade que os docentes. E, estando já acostumados com os estímulos e ritmos típicos de redes sociais, em alguma medida esperavam também tal dinâmica nas aulas remotas. Assim, para domínio da tecnologia há também a necessidade capital de o professor se envolver no processo.

Essa observação não é recente e, talvez, não poderia sequer ter sido imaginada pelos teóricos que se debruçavam sobre a temática da aprendizagem mediada pela tecnologia. Nesse sentido, algo que já se sabia era que para que as estratégias funcionem como mediadoras de aprendizagem, seria imprescindível que o professor planeje, oriente e execute suas estratégias e ações de modo a exercer, de fato, o papel de mediador pedagógico. Para tanto, o Masetto

enumera nove pontos importantes partindo dessa “nova concepção” de educação: aquela que passa pela mediação tecnológica.

A premissa era a de que o aprendiz seja “o centro do processo e em função dele e de seu desenvolvimento é que precisará definir e planejar as ações. Esta concepção de aprendizagem há que ser vivida e praticada” (MASETTO, 2000, p.168). É o que ele caracteriza como intraprendizagem a partir da qual por meio de ações conjuntas em direção à aprendizagem baseadas na empatia, professores e alunos construam um ambiente de confiança em que haja corresponsabilidade e parceria.

Outro ponto importante era a compreensão de que os estudantes do Ensino Superior são adultos e, nesse sentido, é desejável “criar um clima de mútuo respeito para com todos os participantes, dar ênfase em estratégias cooperativas de aprendizagem, estabelecer uma atmosfera de mútua confiança, envolver os aprendizes num planejamento em conjunto de métodos e direções”, o que só seria possível se houver, por parte do docente, “domínio profundo de sua área de conhecimento, demonstrando competência atualizada quanto às informações e aos assuntos afetos a essa área, para que não se valorizasse apenas uma perspectiva metodológica a ser empregada ou uma atitude que venha a cair no vazio” (MASETTO, 2000, p.168-169). Ou seja, a técnica pela técnica ficaria sem sentido. Seria importante que o domínio das plataformas, das tecnologias e dos recursos disponíveis fossem planejados de modo a corroborar para que o conteúdo a ser ministrado seja aprendido pelos estudantes.

Quando Masetto (2000) questiona se seriam as palavras, expressões e linguagem os agentes mediadores no processo de ensino-aprendizagem mediado pelas novas tecnologia lhe escapam as estratégias e peculiaridades que o formato de interação mediada propiciou. Talvez a realidade tenha sido diferente do previsto, necessitando de muito mais técnica e estratégia de comunicação para a efetividade e o aproveitamento das aulas.

Se, na sala presencial, docentes e discentes se comunicam e interagem num contexto em que é possível identificar cada aluno (e supor sobre sua compreensão a partir de suas expressões e questionamentos), no ambiente online o docente detém a voz, mas são reduzidas (ou até suprimidas) as possibilidades de inferências sobre a compreensão dos estudantes a partir de suas expressões. A realidade mostrou que, por diversos motivos, na maioria das vezes os estudantes não ligam suas câmeras, não interagem por áudio e nem participam das discussões nos chats. Assim, portanto, para aumentar a interação ou até identificar a presença efetiva dos alunos naquele momento, professores precisam lançar mão de outros artifícios.

Aparecem, então, novas linguagens, estratégias e ferramentas. Metodologias de ensino que incorporaram novos termos: *gamificação*, *storytelling*, *flipped classroom*, filmes e vídeos, enquetes, verificadores de presença etc. Recursos que a tecnologia oferece e se tornam parte “natural e cotidiana” das aulas on-line.

É possível, portanto, que a convergência entre os conhecimentos das áreas da Comunicação e da Educação seja urgente para que professores compreendam como adaptar os conteúdos às linguagens adequadas a cada persona com quem se relacionará nos ambientes digitais. Isso porque é importante que os estudantes se mantenham interessados e motivados a permanecer naquele ambiente e naquelas interações para que haja a aprendizagem. Por outro lado, a não presencialidade favorece o distanciamento, a não-presença e a distração.

Não há muitos recursos, durante as atividades síncronas, para que o professor saiba se os estudantes estão, de fato, ali. Caso eles optem por não ligar as câmeras e microfones ou não queiram responder aos questionamentos durante as interações, existe uma grande possibilidade de sequer estarem em frente ao computador ou celular – mesmo que conectados na aula. Esse é um ponto de novidade relevante. Quando em salas de aula presenciais, a interação face-a-face permite: primeiro saber se o aluno está ali e, depois – por meio de várias deixas simbólicas e expressões – compreender se as mensagens estão sendo bem recebidas e os conteúdos entendidos ou não. Tudo isso se perde ou se reconfigura em ambiente virtual.

Então, criar conteúdos relevantes, adequar linguagens, preparar visualmente os materiais, adequar tempos e ritmos de aula são fatores primordiais para prender a atenção, aumentar a interação e o vínculo dos alunos com as aulas e as matérias discutidas. Não se trata apenas de preocupações estéticas (muito embora se entenda que a estética é muito relevante), mas de estratégias para que os objetivos pedagógicos sejam atingidos.

Se num primeiro momento a mediação da aprendizagem requeria competências e habilidades dos docentes para a realidade de sala de aula, agora, num contexto em que outra mediação aparece há a necessidade de domínio de novas habilidades e técnicas, típicas do novo ambiente possível para que as aulas aconteçam. Nesse sentido, formar professores que conheçam e compreendam conceitos típicos dos processos comunicacionais é urgente e necessário.

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MEDIAÇÃO COMUNICACIONAL

O termo mediação é polissêmico e em nosso caso apresenta perspectivas epistemológicas distintas para a área da Comunicação e para a área da Educação. Por isso, convém explicar que nos interessa aqui, no que se refere à Comunicação, o conceito que descreve a interação mediada pelas redes e aparatos de comunicação. Acredita-se, como já apontava Thompson (1998, p.13), que “o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com outros e consigo mesmo”. Assim, a mediação do processo de comunicação (e das imagens) transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando formas de percepção, de ação e de interação.

Estudar comunicação é estudar também os meios, como defende Martín-Barbero, mas não de maneira mecanicista ou simplificada. Mais importante que o processo de transmissão da informação é o processo de recepção: a etapa de produção de sentido e construção elaborada pelo sujeito que é impactado por tal informação/mensagem. Em seus termos “confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como supor que eles sejam exteriores e acessórios à comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.18). Assim, compreender os meios é parte importante quando se objetiva avançar na compreensão da comunicação, muito embora não seja suficiente para descrever o processo de interação e de comunicação por eles mediada.

Trata-se, mais do que uma questão de técnica detida na ideia de emissor-mensagem-canal-receptor, como apresentada pelo paradigma matemático informacional da Comunicação, de uma reconfiguração das mediações em que se constituem os novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos sociais:

Mais que a substituir [os vínculos sociais], a mediação televisiva ou radiofônica passou a constituir, a fazer parte da trama dos discursos e da própria ação política. Pois essa mediação é socialmente produtiva, e o que ela produz é a densificação das dimensões rituais e teatrais da política. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.14)

O campo da Comunicação, portanto, encarado como domínio privilegiado para a produção de sentido da vida. É nesse sentido que ele defende que mais do que os meios em si – enquanto recursos tecnológicos – a comunicação hoje é uma questão de mediações. Para ele, é a mediação que articula o processo comunicacional:

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente

a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 20)

A partir dessas abordagens, as mediações (no que se referem ao âmbito epistemológico da comunicação) são encaradas aqui como apresenta Lopes (2014, p.66): “uma perspectiva teórica integrada da produção, produto e audiência dentro dos estudos comunicacionais”.

O que percebemos nos últimos tempos, especialmente devido às mudanças nas rotinas ocasionadas pela Pandemia COVID-19, foi o aumento das interações mediadas pela Internet, sejam no que se refere ao trabalho, aos estudos e ao entretenimento. Nesse período, como destacam Muzi e Cardoso (2020):

Milhares de lives e conferências virtuais, inúmeros filmes e vídeos que tanto entretêm, informam e [...] também desinformam. Entendidas e praticadas como recursos educacionais, formas de sociabilidade e de entretenimento, a produção e a circulação audiovisual extrapolam fronteiras e se espriam para as esferas da política, arte, ciência, religião e saúde. Um sintoma da midiatização da sociedade, metaprocessos no qual as lógicas midiáticas invadem as práticas sociais e colocam a comunicação no centro dos debates e disputas contemporâneos. (MUZI e CARDOSO, 2020, p. 74)

Portanto, a compreender as proporções dos impactos da comunicação mediada no processo de ensino-aprendizagem e, especialmente, na construção social do que é “ser professor” é fundamental compreender as heranças advindas da comunicação televisual e sua transposição para o ambiente virtual.

Por outro lado, termo mediação, quando tratamos de Educação, refere-se à uma ideia completamente diferente daquela percebida quando tratamos de comunicação mediada, nos estudos de Comunicação. Mediação pedagógica refere-se à ação intencional do professor de modo a contribuir com o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos, por meio dos conteúdos. É o professor quem faz a mediação entre os conhecimentos, habilidades e competências a serem aprendidas pelos estudantes. Ou seja, o ensino é o meio pelo qual os sujeitos aprendem e desenvolvem as capacidades humanas formadas ao longo da história e objetivadas na cultura material e espiritual (LIBÂNEO, 2011).

Atentando-nos para a questão da educação e da aprendizagem para avançar para questionamentos e reflexões acerca de como o segundo processo de mediação pode interferir no primeiro – e conseqüentemente na aprendizagem, preocupamo-nos em chamar a atenção para o contexto educativo. Como descrevem Santana e Almeida, na interação entre professor e

aluno, “um movimento acentuado de apropriação e produção de significados mobiliza a promoção de aprendizagem e de desenvolvimento” (SANTANA; ALMEIDA, 2020, p. 208).

Então, a mediação, na perspectiva da Pedagogia, requer uma ação planejada do professor em favor de um objetivo. Há uma intencionalidade em tal processo de mediação entre o aluno e o objeto de conhecimento a ser ensinado e aprendido. Os elementos didáticos são escolhidos pelo professor a fim de mais bem atender tais objetivos. Isso implica em: a) definir os objetivos do ensino, b) determinar o recorte do conteúdo ser ensinado e c) escolher os recursos metodológicos mais adequados para se atingir os objetivos pedagógicos. O objetivo é a aprendizagem. (LIBÂNEO, 2011)

Nesse sentido, na medida em que a educação sempre esteve envolta no processo de ensino (fazer docente) e de aprendizagem (resultado do processo docente), hoje (ao acontecer em situações mediadas por aparatos tecnológicos) outras variáveis são acrescentadas à essa dinâmica: aquelas relacionadas às características específicas da mediação da comunicação.

As reflexões sobre o uso das TDIC como ferramentas para o ensino e a aprendizagem não são recentes e, se antes da popularização da Internet, esta já era uma pauta importante, agora ela assume destaque ainda maior uma vez que, ao menos durante a pandemia, ela é o único espaço possível.

O objetivo pedagógico em tais estudos sobre as antigas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), geralmente, versava sobre a melhoria do processo de ensino e a ampliação da aprendizagem dos estudantes, como destacava Bulegon (2019). Tal incremento se daria com o objetivo de “despertar a curiosidade e o interesse (dos estudantes) no tema específico” e buscariam “aprimorar a aprendizagem e a utilização adequada dos meios tecnológicos disponíveis” de modo a tornar o estudante “um participante ativo na construção do conhecimento” (BULEGON, 2019). Lembremo-nos de que este é um contexto anterior às tecnologias digitais e a presença constante da Internet em todas as esferas da convivência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vivemos durante esses anos de Pandemia deixarão marcas profundas não apenas em nossas histórias pessoais, mas em alguns paradigmas que antes pareciam bastante consolidados. No que se refere à área da Educação, certamente algumas mudanças serão definitivas, dentre elas a compreensão entre a íntima e fundamental relação entre Comunicação e Educação.

Para que os conteúdos sejam recebidos e façam sentidos para os alunos (apreendidos) é fundamental que estejam adequados em termos de formas, estrutura e aparatos técnicos – especialmente em ambientes digitais. Portanto, atrelar os conhecimentos técnicos da área da Comunicação Social, de modo a qualificar o fazer docente (ensino) em prol da aprendizagem como resultado da interação mediada entre professores e estudantes, é fundamental.

Muito embora tal conhecimento técnico ainda não seja um dos conteúdos curriculares previstos nos cursos de formação de professores, foi possível perceber que existe a necessidade de compreender, além de metodologias de ensino, de elementos de comunicação social para, assim, captar a atenção, despertar o interesse e levar à ação o estudante que está do outro lado da tela e como fazer isso é do escopo da área da Comunicação.

REFERÊNCIAS

BULEGON, Ana Marly. Educação mediada por tecnologias de informação e comunicação: possibilidades no ensino e as novas práticas pedagógicas. In.: OLIVEIRA, T. D (org.) **Desenvolvimento, tecnologias e educação: diálogos multidisciplinares**. Curitiba: CRV, 2019.

GOULART, Josette. **TikTok: o fenômeno do aplicativo em 2020 de tantos cliques**. Revista Veja, São Paulo: Editora Abril, edição 2719 de 30 de dezembro de 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/tecnologia/tiktok-o-fenomeno-do-aplicativo-em-um-2020-de-tantos-cliques/> Acesso em 12, abr, 2022.

LIBÂNEO, J. C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, S. V. (org.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática**. Goiânia-Go: Ceped/Ed. da PUC Goiás, 2011, p. 85-100.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Revista Matrizes**, n.º 1 jan./jun. 2014 São Paulo – Brasil, p. 65-80.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; Muñoz, Sonia (coords.). **Televisión y melodrama. Géneros lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; Muñoz, Sonia (coords.). **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; Muñoz, Sonia (coords.). Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MASETTO, Marcos. Mediação Pedagógica e o uso da Tecnologia. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda Aparecida Behrens. Campinas: Papirus. 2000.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda Aparecida Behrens. Campinas: Papirus. 2000.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda Aparecida Behrens. Campinas: Papirus. 2000.

MUZI, Daniela e CARDOSO, Janine Miranda. Rastreamento de Mediações: um método para análise da circulação de vídeos sobre saúde na internet. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. v. 19 n. 35 (2020): Comunicação e Saúde frente aos Desafios Planetários.

PRUETT, Michelle. **Gen Z's Favorite Social Networks**: YouTube, Instagram, Snapchat. Criteo. 2018. Disponível em: <https://www.criteo.com/insights/gen-z-social-media/>. Acesso em: 14, abr, 2022.

SANTANA, Alba Cristhiane e ALMEIDA, Renato Barros de. Mediação pedagógica em tempos pandêmicos: relatos de professores da educação básica. **Polyphonía**, v. 31/2, jul.-dez. 2020.

SIQUEIRA, N. **Os três maiores desafios de ensinar para as gerações Z e alpha**. MLearn (2017). Disponível em: <http://mlearn.com.br/os-tres-maiores-desafios-de-ensinar-para-asgeracoes-z-e-alpha/> Acesso em: 13, abr, 2022.